

QUADRINHOS: UMA AVENTURA EDUCATIVA

LUCIANA BITTENCOURT, RAQUEL AQUINO E ALINE PESTANA

É difícil encontrar alguém que não goste, ou ao menos não tenha mantido, em alguma época, um "namoro" com as histórias em quadrinhos. E até mesmo estes têm que reconhecer que estamos falando de uma das formas de expressão artística mais significativas do nosso século.

A importância dos quadrinhos é tanta que ele é conhecido como a nona arte. Muitas vezes baratos, e acessíveis, os quadrinhos chegam a ser a primeira leitura de algumas pessoas. A HQ, como é chamada pelos fãs, cativa crianças, adolescentes e adultos. Mas a questão é: os quadrinhos são um veículo de informação? E até que ponto ele é um instrumento de educação?

Lor, chargista do jornal Diário Popular, de São Paulo, e ex-quadrinista de O Globo, acha que os autores não devem ter como objetivo informar ou educar, mas ser fiéis a seu talento e fazer arte. "Os quadrinhos são reflexo da sociedade, logo as pessoas se identificam com o personagem e acabam aprendendo mais sobre elas próprias. Isso é informação, é educação". Ele acrescenta que a informação tem que vir por si só, como uma consequência da arte e não um objeto vendável, uma mera publicidade.

As histórias em quadrinhos têm seu lado positivo no que se refere ao despertar do interesse da leitura em uma criança, mas tem seus pontos falhos na educação. Pelo menos é isso o que afirma a pedagoga, do Colégio Zaccaria, no Rio de Janeiro, Maria do Socorro Vasconcelos. "Tratando-se da comunicação, acho que os quadrinhos são um fator importante, uma vez que desperta o interesse da leitura nas crianças. Em termos educacionais, vejo na HQ um grande problema, pois a linguagem e a escrita nem sempre são corretas, como é o



"Os quadrinhos são reflexo da sociedade, logo as pessoas se identificam com o personagem e acabam aprendendo mais sobre elas próprias"

(Lor)

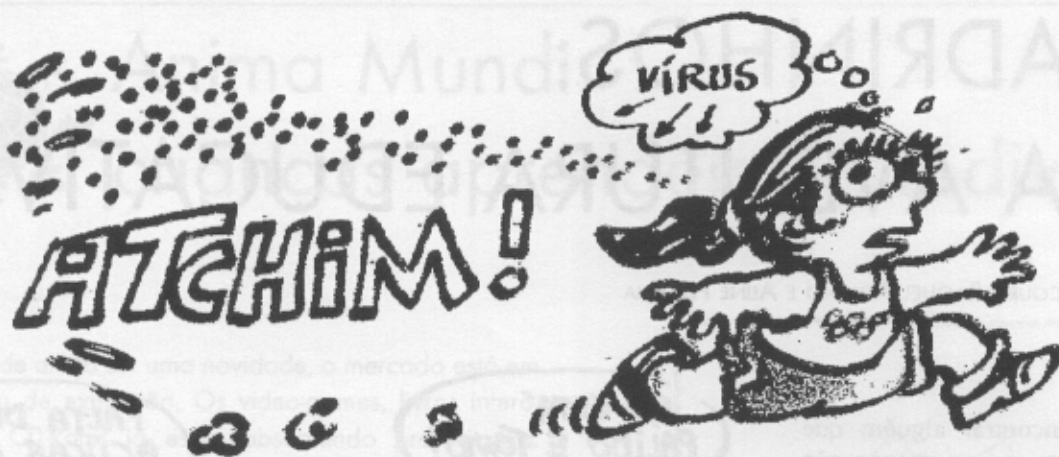
caso do Cebolinha, da turma da Mônica, que troca o cabelo l".

Maria do Socorro acredita que as escolas têm um certo preconceito em relação às histórias em quadrinhos, pois preferem uma leitura didática, com autores que tenham uma preocupação com a linguagem correta. "Os livros didáticos desenvolvem um outro tipo de leitura, trabalham com a imaginação das crianças, além de enriquecerem seu vocabulário, fundamental para a alfabetização dos alunos", diz.

Lor também questiona a eficiência dos quadrinhos como um instrumento de educação. "Eu não sei, ainda não vi nenhuma pesquisa do gênero, mas acho que se as pessoas apenas lerem quadrinhos a vida toda, podem ficar limitadas para conseguir concentrar a leitura em um romance, um

conto. Por exemplo, quando se lê um livro, os leitores imaginam os personagens, os cenários, participam muito mais, o que não acontece nos quadrinhos. Por outro lado, acredito que independente da idade podemos ler, nos entreter e aprender algo com as HQs, mas elas não devem ser a única forma de leitura."

O autor diz que há uma diferença grande entre os quadrinhos de massa e os artísticos. Segundo Lor o grande problema dos quadrinhos de massa é que ele reforça os valores já predominantes da nossa sociedade, que gosta de mastigar sempre a mesma informação. Tudo tem que ter o mesmo ritmo, se algo for diferente, a sociedade não aceita. E esse foi um dos problemas enfrentados por ele no jornal O Globo. Durante dois anos Lor publicou a tirinha Telinho, que



mostrava o cotidiano de um garoto fissurado por televisão. "Quando tentei mudar o estilo da tirinha sofri pressões do próprio público. Resolvi sair do jornal para não ter a minha criatividade censurada", desabafa.

Os Hqs artísticos, revelam cruamente a sociedade através de temas como violência, erotismo e terror. "Não são receitas prontas, eles permitem que o autor crie, e é nisso que eu acredito: na criação do artista. Os quadrinhos terão bons resultados se eles transmitirem a alma do artista no sentido de educar e informar". Mas, Lor acredita que essas histórias não são a melhor opção para as crianças.

Os leitores

Os fãs de histórias em quadrinhos de arte são, normalmente, adolescentes e jovens universitários, que passam a achar monótono os quadrinhos de massa e buscam enredo e editoração gráfica mais refinadas. Para o estudante de engenharia, Gerson de Moura, 23 anos, as histórias da *Turma da Mônica* ainda conservam seu

"Tratando-se da comunicação, acho que os quadrinhos são um fator importante, uma vez que desperta o interesse da leitura nas crianças.

Em termos educacionais, vejo na HQ um grande problema, pois a linguagem e a escrita nem sempre são corretas, como é o caso do Cebolinha, da turma da Mônica, que troca o r pelo l"

(Maria do Socorro)

encanto, mas as revistas americanas como *X-Man* e *Spawn* o transformaram em um voraz leitor e colecionador. "Tenho atualmente cerca de 600 revistas importadas, não deixo de estar sempre por dentro das novidades", diz.

Alexandre Mendonça, 16, outro

aficionado por Hqs artísticos, não gosta daquelas histórias que estão sempre querendo ensinar alguma coisa. "Eu prefiro ler as americanas e japonesas, os argumentos são muito interessantes e os desenhos são bem feitos", afirma.

Já Carolina Dias, 17, se define como fã incondicional dos quadrinhos do Maurício de Souza. Segundo ela as histórias são sempre atuais e engraçadas e os personagens são bem marcantes e humanizados. "Quando eu aprendi a ler, só lia esse tipo de revistinha, pois os desenhos facilitavam a leitura", relembra.

O mercado

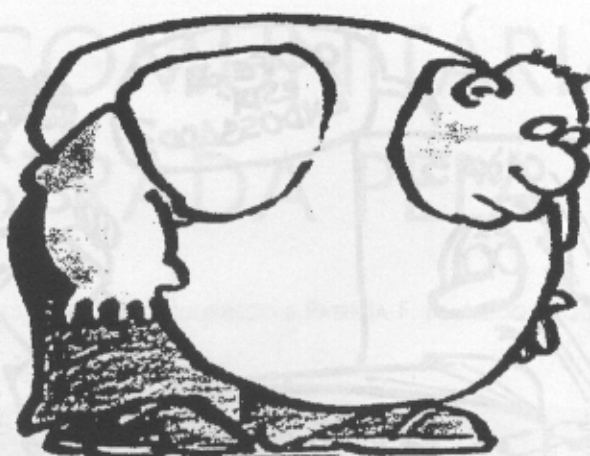
A restrição do mercado editorial nacional é apontado por Lor como um entrave para o aparecimento de outros profissionais. "Muitas revistas nascem, mas não conseguem resistir. A concorrência com os americanos é desleal, uma vez que eles têm um mercado mais aberto aqui do que os próprios brasileiros, que encontram dificuldades na comercializa-



ção de um produto". Com a globalização, o artista espera que o mercado melhore. "Ou os americanos vão invadir mesmo, tomar conta do mercado ou nós vamos conseguir o nosso espaço, nem que seja no exterior", ressalta.

Greg Capullo é desenhista da revista americana *Spawn*, que há mais de quatro anos, desde o seu lançamento, está entre os cinco títulos mais vendidos dos Estados Unidos, com mais de um milhão de exemplares mensais. Há oito meses, a revista entrou no mercado brasileiro e tem repetido o mesmo sucesso. Na 5ª Convenção Internacional de HQ, realizada em novembro de 1996, no Rio de Janeiro, Greg Capullo ressaltou a criatividade e o talento dos nossos desenhistas. "Os artistas brasileiros são muito bons. O mercado americano está sempre de olho neles".

Um exemplo de brasileiro bem-sucedido no mercado inter-



O SENHOR
É O BANCO
DE SANGUE?

nacional é o paraibano Mike Deodato, responsável pela nova performance da cinquentona *Mulher Maravilha*, que agora está com seios avantajados, menos massa muscular e um bumbum à brasileira. Ele faz os desenhos em João Pessoa e envia pelo correio para os Estados Unidos. O resultado foi que no final de três meses, a venda da revista quadruplicou.

Um outro brasileiro que se destaca no mercado internacional é Angeli, o criador da revista *Chiclete com Banana*. Ele colabora com a revista italiana *Linus* e afirma: "Agora é o momento ideal para o mercado se expandir. É necessário que se promova o intercâmbio comercial entre editoras estrangeiras e autores nacionais."



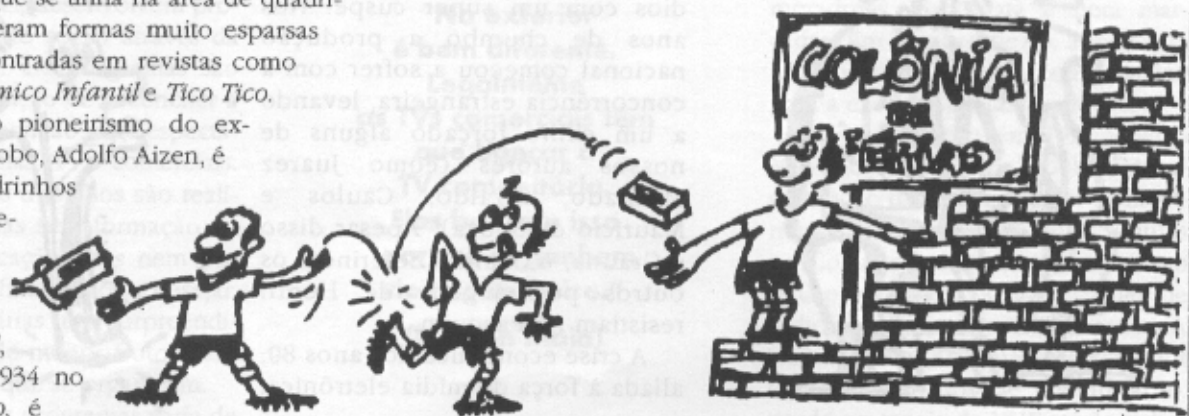
A história dos quadrinhos no Brasil

Das *Aventuras de Nhô Quim* à pós-moderna *Radical Chic*, a história dos quadrinhos no Brasil caminhou entre o pioneirismo, o preconceito e a concorrência com os autores estrangeiros. O pioneirismo ficou por conta de dois nomes - Angelo Agostini e Adolfo Aizen. O primeiro, italiano naturalizado brasileiro, publicou em 1869, na revista *Vida Fluminense*, a primeira novela em quadrinhos do mundo, intitulada *As aventuras do Nhô Quim*, que relatava as impressões de um mineiro trapalhão no Rio. Aizen, filho de judeus russos nascido em Juazeiro, Bahia, trouxe dos Estados Unidos, em meados da década de 30, uma idéia que iria revolucionar o hábito de leitura da juventude do entre guerras.

Até 1934, o que se tinha na área de quadrinhos no Brasil eram formas muito esparsas do gênero, encontradas em revistas como *O Juquinha*, *Cômico Infantil* e *Tico Tico*. Somente com o pioneirismo do ex-repórter de *O Globo*, Adolfo Aizen, é que é os quadrinhos ganharam um peso maior. Afinal, foi com o seu *Suplemento Infantil*, publicado em 1934 no jornal *A Nação*, é

que o mundo da HQ se abriu para os olhos brasileiros. Em seguida, o suplemento lançou quadrinhos estrangeiros e nacionais. Eram traduções das histórias de *Flash Gordon*, *Tarzan* e *As Aventuras de Roberto Sorocaba*, de Monteiro Filho. Depois de dez anos de sucesso e vivendo apenas de quadrinhos, Aizen perdeu seus 'heróis' para o empresário Roberto Marinho, que passou a publicá-los no *O Globo Juvenil*.

Na década de 40, o persistente Aizen inaugura a Ebal - Editora Brasil América Ltda., que foi sinônimo de história em quadrinhos no país. Na Ebal os HQs começaram a se diversificar em vários gêneros (Renato Silva com seus HQ



Laerte



Laerte

de terror, na revista *Gazetinha* e Messias Melo e Théo Dick nos desenhos de aventura), preparando o terreno para o que chamamos de 'fase de ouro' dos quadrinhos. Ao lado dessa explosão havia uma campanha anti-HQ, importada dos Estados Unidos, que alertava: eles provocam a delinquência e favorecem a preguiça mental. Mais uma vez, Aizen provou o contrário, publicando em 1953 a *Bíblia em Quadrinhos*, que não era sucesso de vendas, mas garantia a respeitabilidade do gênero. Além desta obra editou, em quadrinhos, biografias de Machado de Assis, Chopin, Monteiro Lobato e Colombo, entre outros. E também a História do Brasil e clássicos da literatura universal, como *Os Lusíadas*, de Camões. Educadores apontaram erros de português nas histórias e Aizen passou, então, a exigir que as histórias fossem

escritas no mais correto português.

Nos 'anos dourados' os autores nacionais ganharam um espaço maior do que as tirinhas de suas histórias. Por um lado, era bacana ler o *Amigo da Onça* no Cruzeiro, (onde Péricles, seu autor, começou sua carreira, em 1942). Por outro, os adolescentes faziam de tudo para conseguir nas bancas um exemplar do catecismo erótico do misterioso Carlos Zéfiro (na verdade, o funcionário público Alcides Caminha).

Em meio a tudo isso, surgia em 1959, a Editora Outubro, reunindo os iniciantes Maurício de Souza, André Le Blanc e Nico Rossi. Nesta boa safra inclui-se ainda Ziraldo, com *O Pererê*, cujos personagens já falavam de ecologia e reforma agrária.

No ano 1968, aconteceu no Museu de Arte de São Paulo a Exposição Internacional de Quadrinhos. Na mesma época, Daniel Azulay lança o *Capitão Cipó*, um expert em apagar incêndios com um super cuspe. Nos anos de chumbo a produção nacional começou a sofrer com a concorrência estrangeira, levando a um exílio forçado alguns de nossos autores (como Juarez Machado, Ziraldo, Caulos e Maurício de Souza). Apesar disso a Graúna, o Capitão Zeferino e os outros personagens de Henfil resistiam no Pasquim.

A crise econômica dos anos 80, aliada à força da mídia eletrônica,

colocou o mercado de quadrinhos brasileiros no poço. Em 1980, eram vendidos 60 milhões de exemplares, em 1985, as vendas caíram para 32 milhões. Somente com o sucesso das tiras diárias é que alguns autores brasileiros conseguiram lançar seus álbuns (final dos anos 80), como Angeli, Laerte e os irmãos Chico e Paulo Caruso. Em 1989, foi criado o prêmio HQ para os melhores quadrinistas, e em 1991, é inaugurada a Gibiteca Henfil.

A criação da Bienal Internacional de Quadrinhos, em 1993, no Rio de Janeiro, permitiu um maior intercâmbio entre os artistas de vários países. O evento se transformou na grande vitrine dos autores brasileiros para o mercado internacional e serviu para manter viva a magia de uma arte que pode gerar tudo, menos preguiça mental.

